

A RESISTÊNCIA DOS AUTOIDENTIFICADOS INDÍGENAS CARIRI NA COMUNIDADE POÇO DANTAS EM CRATO-CE

Mônica de Souza Pereira ¹

Prof.^a Dr.^a Isabelle de Luna Alencar Noronha ²

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa monográfica que teve por objetivo narrar a trajetória histórica de resistência pela busca da autoafirmação dos membros da comunidade Poço Dantas em Crato - CE. Como objetivo específico, busca-se conhecer como a comunidade atua nos processos de educação e de cultura para manter e reafirmar o que preconizam ser suas heranças indígenas. Este trabalho se configura como um estudo de caso. Como instrumentos de coleta de dados utilizamos a observação *in loco* e entrevista semiestruturada para ouvir a representante da comunidade – a cacique – sobre a representatividade étnica daquele grupo. Buscou-se ainda vídeos e documentários (de produção própria, disponíveis na internet) que trazem a cultura, costumes, anseios da comunidade, bem como a sua memória. A entrevista foi sistematizada por um questionário de quatro perguntas centrais com respostas abertas a novos questionamentos. Concluímos que a comunidade busca autoafirmar-se de diversas formas: pelas histórias transmitidas oralmente, danças, costumes alimentares e/ou uso de ervas medicinais, bem como com a produção de artesanato de barro e cipó. A busca por reconhecimento social se efetiva ainda, com a participação de seus membros em eventos como Seminários, Palestras, Eventos culturais, apresentando seus costumes e modo de vida, fortalecendo o processo de autoidentificação e de resistência frente às incontáveis formas de negação daquele coletivo quanto à sua origem. A pesquisa demonstrou que processos educativos locais são fundamentais para que todos da comunidade estejam cientes de seus direitos como descendentes indígenas. E essa educação não se efetiva apenas dentro de sala de aula, ela é difusa e acontece em todos os espaços e em todas as falas daqueles/as que as/os representam.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, Indígenas Cariri, Resistência.

1 Primeiras palavras

Refletindo sobre quem somos, o que queremos e para que vivemos, enxerguei-me na história de outras pessoas ou grupos que, muitas vezes, são extraídos do meio social por não se caracterizarem como semelhantes aos olhos daquele que ditam a normalidade do viver em sociedade.

Mesmo numa sociedade dita plural, grupos culturalmente excluídos enfrentam preconceitos quando buscam reconhecimento de suas singularidades, e, foi a partir dessa premissa que encontrei motivos para pesquisar e entender os processos que os povos indígenas sofrem quando buscam (auto)afirmação de suas identidades. Nessa perspectiva, busquei

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - URCA, monicasouza.martins@urca.br;

² Professora orientadora: Prof.^a Dra. em Educação e Ensino – Universidade Regional do Cariri, URCA, isabelle.luna@urca.br

conhecer as vivências, os saberes e fazeres de uma comunidade indígena na região do Cariri cearense, especificamente na cidade de Crato-CE, que, parece ser invisibilizada ao conhecimento do entorno social ao qual pertence.

Localizada no distrito de Monte Alverne, o corpo social do sítio Poço Dantas em Crato, se apresenta como uma comunidade remanescente dos índios Kariri, fato este já registrado e segundo Melo (2017, p. 65) “comprovado pela arqueologia e confirmado pela memória registrada no acervo lítico e das gravuras em rochas da região, em pinturas rupestres”. Ainda para este autor, a referida comunidade advém de uma “mistura étnica dos aldeamentos missionários a que foram submetidos” (MELO, 2017, p. 193).

Os índios Cariri do Sítio Poço Dantas são descendentes desse processo de aldeamento registrado no Cariri e que ocorreu semelhante em outras regiões do Nordeste brasileiro e gerou identidades e modos organizativos sociais, [...] eram mestiços e misturados formando outras etnias. (MELO, 2017, p. 193).

Assim, a pesquisa da qual se originou este artigo teve como objetivo narrar e analisar a trajetória histórica de resistência pela busca da autoafirmação dos membros da comunidade Poço Dantas em Crato - CE. Os objetivos específicos foram conhecer as formas como a comunidade atua para manter e reafirmar o que preconizam ser suas heranças indígenas.

Como forma de aproximação da problemática sobre autoafirmação e resistência tomamos como base os trabalhos de Melo (2020), que nos situa sobre a identidade, direitos e convivência homem/natureza. Para as contribuições históricas sobre educação temos Brandão (2007). Para o questionamento dos sujeitos e suas pedagogias, utilizamos Arroyo (2012) que nos traz um discurso sobre as “presenças afirmativas de Outros Sujeitos: nas escolas, nos campos e na sociedade”, mostra, ainda, questionamentos de como esses sujeitos se reconhecem e que saberes carregam para se formarem e tornarem-se emancipados. Tais leituras contribuíram para o conhecimento do nosso objeto e nos ajudaram a questionar: como este coletivo fez e faz para se autoafirmarem como descendentes dos índios Kariris (que habitavam essa região, de forma soberana, antes da chegada dos colonizadores) e quais saberes e fazeres adotam para resistirem?

Destarte, justificamos o estudo sobre os ditos remanescentes dos índios Kariri por sua importância para a história da região do Cariri cearense. Comunidade que se apresenta com uma história rica de saberes complexos e inesgotáveis que os caracteriza e os identifica diante de tantos outros povos ou grupos. Nosso interesse se efetivou no campo educacional para refletirmos sobre o papel da comunidade que contribuiu para a resistência e permanência desses povos originários cuja presença não está em livros didáticos e não faz parte do currículo das



escolas da região, sendo praticamente desconhecidos para a maioria das pessoas conforme já relatamos. Para tanto, partiu-se inicialmente de pesquisa bibliográfica cuja,

[...] finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS, 2003, p. 183).

Este trabalho se configura, como um estudo de caso, que nos permite investigar “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.” (YIN, 2001, p. 32). Assim, após o estudo bibliográfico, empreendeu-se uma pesquisa de campo. Foi realizada entrevista para ouvir a representante da comunidade – a cacique – sobre a representatividade étnica daquele grupo e observação *in loco*. O estudo também envolveu a coleta de informações sobre a cultura, costumes, anseios da comunidade e memória.

A entrevista foi sistematizada por um questionário de quatro perguntas centrais com respostas abertas a novos questionamentos de acordo com o resultado alcançado e, doravante, apresentaremos, os contextos dessas discussões

2. Educar pelas tradições culturais, ou, promover a aculturação

É interessante notar que a educação é cultura, por ela se ensina e se aprende. Quando utilizamos o termo “aculturação”, estamos nos referindo a um contraproceto do ato educativo, que se efetiva quando este, se faz por meio de uma imposição colonialista que retira do outro, o “colonizado”, a possibilidade de agir dentro das suas crenças, dos seus modos de ser e de fazer, descaracterizando-os, colonizando-os conforme os interesses do dominador. Há muitas formas de se educar e a diversidade educacional é um assunto bastante discutido pela sociedade. Todos somos sujeitos aptos a aprender e ensinar, pois somos constituídos de tudo que nos foi apresentado, e transformado a partir de nossas assimilações, comparações e reflexões.

Conforme Brandão (2007) a educação pode ser “livre” ou “imposta por um poder centralizado”, se for livre é uma educação que emancipa, é própria ao povo que a executa, mas se for imposta, pretende escravizar, tornar o povo submisso, dessa forma, é necessário dizer que não cabe “ao colonizado a educação do colonizador”, mas foi isso que aconteceu com os povos indígenas.



O processo educacional existente no Brasil desde a colonização se configurou estratégico para ocultar a identidade dos povos originários já existentes no espaço brasileiro, permanecendo até hoje. Estes são sujeitos,

Que na história foram vítimas de ocultamentos, inferiorizações até de sua sofrida história de afirmação de seus saberes, culturas, identidades. De suas pedagogias. Ignorar esses povos e suas pedagogias representa uma lacuna intencional nas narrativas da história das ideias e das práticas pedagógicas. (ARROYO, 2012, p.30)

Os indígenas, pelo olhar do colonizador, eram tidos como inferiores por seus hábitos considerados selvagens, àqueles que aqui chegaram buscaram impor sua cultura, tentando escravizá-los. Nesse sentido é preciso lembrar, os colonizadores romperam com a história que já estava em construção pelas diversas nações indígenas que aqui já habitavam.

O índio tinha uma forma própria de transmitir seus ensinamentos por meio de processos que consistiam em ensinar aos mais novos pela oralidade e o exemplo. De maneira que não existia ninguém com a função específica de ensinar, ou seja, com modelos padronizados e profissional destinado especificamente a esta função, como conhecemos hoje. Viviam em comunidades (tribos) que partilhavam os conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Práticas que, não estando em conformidade com os valores europeus, precisavam ser modificadas, daí o processo de aculturação vivido pelos indígenas de então, no entanto, muitas comunidades conseguiram sobreviver, se reinventaram, sem perder algumas características essenciais, e tentam até hoje reconhecimento e lutam por seus direitos com suas muitas formas de educar.

Nesse sentido, consideramos que as comunidades rurais, indígenas, quilombolas, entre tantas outras reinventam-se, transformam seus espaços buscando sempre a autoafirmação. Tal discussão nos leva a considerar e brevemente relatar a seguir que a educação se manifesta em nossa sociedade de várias maneiras, formal, não-formal e informal, discuti-las é também uma forma de compreendermos melhor o nosso objeto de investigação.

Gohn (2010), conceitua o que seria a educação formal, não formal e informal, afirmando que são campos distintos. Vejamos, portanto, como estão definidos estes três conceitos educacionais.

Em princípio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcado; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube, etc). A informal incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. (GOHN. 2010, p.15-16).

Observando esse contexto percebe-se que cada um desses modelos apresenta um tipo de educador-condutor de tal aprendizagem. Na educação formal, os responsáveis são os professores. No ensino não formal é composto pelos educadores sociais, que apesar de ter sua importância, quem realmente educa é a pessoa a quem se dialoga e se compartilha. Já no informal quem educa são os pais, pessoas de nossa convivência, os grupos de nossa comunidade, e ainda os diversos meios comunicativos.

Num contexto em que grupos sociais se apresentam como marginalizados na sociedade, é importante conhecer esses processos informais, formais e não-formais de educar e entender o que estão fazendo tais grupos para perpetuar os seus valores e conseguir resistir em meio as adversidades sociais e econômicas. Assim, discutiremos a seguir, a comunidade em estudo.

3 Resistências e práticas educativas

Conhecer e compreender o espaço e as pessoas que o compõe possibilita a valorização de seus saberes e costumes não deixando que estes sejam apagados pela por forças contrárias que visam a “subalternização” e inferiorização de raças, etnias e culturas. Referindo-se aos autoidentificados descendentes indígenas do Poço Dantas, Melo (2017), afirma que “a identidade é o todo que os tornam indivíduos e não se sabe do indivíduo sem saber a sua história, suas histórias”, ou seja, são indivíduos com multiplicidades de saberes, capacidades e vivências que só podem ser compreendidos conhecendo suas origens e particularidades, o que fizeram para ser e estar hoje fazendo parte, de forma significativa, da sociedade.

Nessa perspectiva, apresentaremos uma breve história do povo Cariri, de modo específico, da comunidade Poço Dantas em Crato, visitando um passado equidistante ressaltando a importância de resgatar a memória coletiva de um povo sofrido pela desapropriação, “subalternização” e ocultamento. Também discutiremos modos de vida: o que fazem, como vivem ou sobrevivem, como se organizam e como se reconhecem diante da comunidade.

A definição do nome Cariri, reporta aos primeiros habitantes desse lugar, os índios kariris, que eram, “os ancestrais silvícolas chamados por outras raças de Kariri, Kiriri ou Carirí, termo que para eles significava “calado”. Os Kariri integravam uma nação que reunia várias etnias. (MELO, 2017, p. 32)

Os kariris tinham uma vida simples e viviam da agricultura e produção de cerâmica, chegaram a esta região, provavelmente, após os períodos de mudanças climáticas ao deslocarem-se em busca de alimento e sobrevivência, pois eram também coletores e caçadores. Registros significativos relacionados ao trabalho com cerâmica e as pinturas rupestres foram

encontrados e são usados como fonte de pesquisa pela e para a arqueologia. As mais expressivas foram achadas no “sítio Santa Fé (Crato) e sítio Olho D’Água (Nova Olinda), no raio de 20 km de vivência onde estão os Cariri hoje, no Sítio Poço Dantas, distante poucos quilômetros. (MELO, 2017, p. 68).

A história conta que o indígena foi sendo obrigado a ceder lugar aos novos inventos e tecnologias que lhe foram oferecidas pelo colonizador, assim como a religião e outros modos de ser. Inclusive muitos povos indígenas foram dizimados em decorrência de doenças que adquiriram dos brancos, o fato é que no Cariri cearense, no atual momento histórico, tem notícia de apenas uma comunidade que reivindica o reconhecimento de ser remanescente do povo originário dos índios Kairris.

Em um documentário disponível na internet³, Vanda Lucia Roseno Batista (Vanda Cariri), indígena Cariri, representante da comunidade, educadora / Doutora: Geografia UNESP e presidente da Associação dos índios Cariri de Poço Dantas Umari em Crato Ceará, participa de um vídeo feito pelos membros da comunidade e falou, juntamente com D. R., apresentando a comunidade, suas perspectivas e dificuldades. Neste vídeo, ao tempo em que declara e defende as origens de sua comunidade, ela também destaca o que é identidade para ela, que é remanescente indígena. Vanda Cariri diz que a “cultura é um fato relevante para a identidade do seu povo, pois é a partir da cultura que eles se reconhecem”, em suas palavras,

A cultura é um elemento importantíssimo pra ir buscar revelação que tá dentro da nossa alma e tá dentro do nosso interior mesmo entendeu? Então a cultura, 1 Vídeo produzido pelo Terreiro Cariri MOACPES – Realização: ALDEIAS (Associação dos índios Cariris de Poço Dantas Umari – AICAPDU). Canal do Youtube – Terreiro Cariri. Acesso: 14 de maio de 2021. 21 ela permite isso. É como se ela dissesse assim, ela tá arrancando de dentro da gente o que a gente tem vontade de revelar, mas não consegue, entendeu? (VANDA CARIRI, 2021).

Falar dos elementos produzidos a partir do barro ou do cipó “é como se nos reportássemos para dentro de nós e quem verdadeiramente nós somos”. E essa identidade é defendida, na fala da Vanda Cariri, pelo fortalecimento das heranças culturais, pelo modo de viverem, também, pela produção de vídeos feitos pela comunidade, pelos seminários, palestras que a comunidade participa, pois isso faz com que seja apresentado a diversidade cultural do povo Cariri.

É por meio de memórias coletivas que esses sujeitos se reconhecem e se identificam como sujeitos sociais. São conhecimentos repassados de geração em geração que os fez/faz

³ Vídeo produzido pelo Terreiro Cariri MOACPES – Realização: ALDEIAS (Associação dos índios Cariris de Poço Dantas Umari – AICAPDU). Canal do Youtube – Terreiro Cariri. Acesso: 14 de maio de 2021.

existir, “já que estamos diante um conjunto populacional em amplo desfavor financeiro e vulnerabilidade” (MELO, p. 176), para então, tentar inverter as situações relacionadas às comunidades indígenas.

Nosso interesse nesse trabalho foi perscrutar a história dessa comunidade, entender como surge essa autoafirmação e como fazem para preservar e lutar por este reconhecimento, bem como os saberes e fazeres pelos quais se organizam, é o que apresentaremos a seguir.

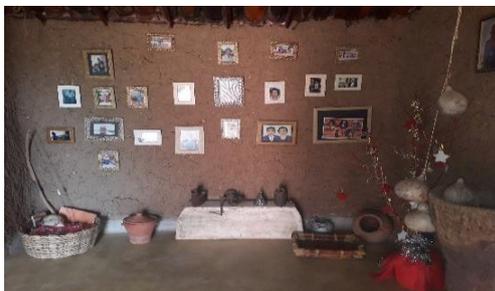
3.1 Organização comunitária dos Cariri no Sítio Poço Dantas

Na zona rural de Crato, mais precisamente no Sítio Poço Dantas - Distrito de Monte Alverne, distante 20 km da sede do município de Crato, encontra-se uma comunidade na qual os habitantes se autodenominam como remanescentes dos índios Kariris, nome este que é dado a região, justamente pela ancestralidade desses povos, como já afirmamos anteriormente.

Munidas do nosso instrumento de coleta de dados (questionário semiestruturado), fomos à comunidade, e em meio às idas e vindas, observamos o lugar na tentativa de apreender sua dinâmica. Lá existe um museu, trata-se de um museu afetivo, pois os objetos foram doados pela comunidade, são fotos de familiares e artefatos que utilizados pelo grupo como forma de sobrevivência ao longo dos anos. A memória afetiva deste espaço de aprendizado guarda em si a essência daqueles que já se foram, mas que deixaram um legado aos seus descendentes. Eles afirmam que os objetos que ali estão “são frutos da história e vivência”.

Tais objetos podem ser observados nas imagens (figura 1 e 2) que colocamos a seguir. São panelas e potes de barro que serviam, respectivamente, para cozinhar os alimentos e armazenar água para o consumo diário. As cabaças, um fruto que não serve para comer, eram transformadas em “coités” ou “cuias” servindo de vasilha para colocar comida, pegar água ou outra atividade. Também tem o “bodoque”, instrumento de caça feito pelos próprios indígenas. O moinho utilizado para moer os grãos de milho para servir de alimento e, por fim, um ferro à brasa, que difere dos outros artefatos, por não ter fabricação manual, por não ser efetivamente de um material transformado pelos próprios moradores. Percebemos, no entanto que, ainda no presente, as mulheres da comunidade ganham dinheiro lavando e passando roupas, não mais com “ferro a brasa”, já que a comunidade tem luz elétrica. Os “galões” (figura 3) são redes feitas de *nilon* utilizados para a pesca, há os cestos feitos de cipó, artesanato repassado de geração em geração. Na figura 4, pode ser verificado outro instrumento muito utilizado pela comunidade, o “pilão de madeira” que serve para pilar/socar o milho, arroz, carne seca, amendoim, entre outros alimentos consumidos pelos agricultores de baixa renda.

Figura 01 – Quadros, badoque, cesto, ferro a brasa, pilão, cabaças.



(Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Figura 2 – Potes.



(Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Figura 3 – Galões, cesto.



(Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Figura 4 – Pilão de madeira.



(Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Ressalte-se o valor simbólico de cada objeto relacionando-o a memória que evoca, histórias de um povo forte e sofrido. Através deste museu, outras gerações conhecerão seus antepassados e suas vivências, pois “memória pode ser o encontro entre o presente e o que ficou distante no tempo pretérito, ou o que está ausente e nesse processo nos constituímos como sujeitos históricos donos de uma memória individual e coletiva” (SUTIL, 2016. p. 40). É por meio da memória afetiva apresentada nestes objetos que será fortalecido a identidade e cultura desse povo

3.2 Conhecer por meio do olhar de seus habitantes

A comunidade do Poço Dantas é formada por um número expressivo de famílias. As famílias sobrevivem da agricultura e seus principais alimentos produzidos são: o milho, feijão e amendoim – antes havia a produção do arroz, mas por alguns problemas - além dos provocados pelos períodos de seca – que citaremos logo adiante, deixaram de plantar. A nossa entrevista foi com a Pajé R.C, que é uma das representantes da comunidade indígena no Sítio

Poço Dantas. Ela é uma senhora negra com mais de 50 anos, cabelo preto com alguns fios grisalhos. Mora na comunidade desde criança e com muita gentileza nos recebeu em um espaço que é utilizado para realizar eventos e festejos daquele grupo (FIGURA 05)



Figura 05 - Galpão Comunidade Poço Dantas (Fonte: arquivo pessoal, 2022).

Ao tratarmos do questionamento sobre identidade e autoafirmação com relação a serem descendentes dos índios Kariris, Dona R. nos informou que desde a infância ouvia de seus pais e avós que eles eram índios. Relatou ainda as características de sua bisavó que “faleceu com 103 anos e não tinha cabelo branco na cabeça” e que permanece essa genética na família até hoje. Os relatos também foram direcionados as formas de alimentação, que era derivado da caça e pesca. As condições eram precárias e eles viviam de forma simples buscando encontrar sempre na natureza subsídios que lhes permitisse sobreviver, e isso era passado de geração em geração. Com a inexistência de alguns produtos nas residências fazia-se necessário utilizar dos conhecimentos para substituir, por exemplo, o óleo, este era retirado da macaúba, e também, o leite para colocar na carne.

Alí, eu achava muito bonito a criação da gente. A gente era tudo pobrezinho. Não existia panela de alumínio, era panela de barro, pratinho de barro, tudo era de barro. Quando pai chegava da caça, mãe já estava com tudo preparado. 27 Pisava o birro no pilão aí fazia o leite e cuava. Pai pegava um cepinho³ porque nem existia cadeira. A gente se sentava tudo arrudiado cada um com seus pratinhos ao redor dele. Alí a gente ia comendo, ele botava um pedacinho de carne pra um, um pedacinho pra outro e assim era a criação da gente. (D.R. Entrevista realizada em 19. Mar.2022)

Pode-se perceber, pelo depoimento que as falas e a organização do espaço em que vivem, tentam reafirmar a origem indígena, e a luta por reconhecimento social está associada a conseguirem melhores condições de vida.

3.3 Práticas educativas: resistir para (re)existir.

Em um Seminário de Formação, promovido pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), intitulado Cultura e Educação: Diferentes visões dos povos originários realizado em maio de

2021 (de forma online pelo Canal do Youtube)⁴, Vanda Cariri participou da mesa e apresentou falas relevantes sobre a resistência do seu povo durante muitos anos. Uma forma breve de falar sobre a educação indígena é dizer que educação é resistência. Para Vanda Cariri, essa resistência se apresenta nas percepções identitárias comprovadas nos registros arqueológicos de cavernas encontradas na região do Cariri. É também desmistificar expressões minimalistas que traduzem o termo Cariri como calados, passivos e selvagens. É fazer o corpo social perceber que os indígenas têm suas “diferenças culturais, de língua e saberes”. Ela reforça ainda a importância de resistir para manter viva a cultura da “agricultura, pesca, caça, fogão a lenha, a dança toré, o traçado de cipó e as narrativas orais dos ‘tocos velho’”. É, acima de tudo, valorizar e respeitar suas singularidades e entender que eles têm sua parcela de conhecimento e se sabem importantes.

Para além disso, ela destaca que a história indígena “deve ser contada diariamente, e não periodicamente, para que haja continuidade.” Enfatiza que é preciso fazer “com que as instituições entendam que não se faz nenhuma e/ou qualquer construção sem os povos indígenas, pois seu espaço de fala tem que ser respeitado”. E pondo em prática, ela menciona que os professores da escola onde trabalha tem a preocupação de refletir e anualmente as discussões indígenas realizando eventos com a presença de “parentes” de outras regiões para debater com os alunos, bem como resistir na busca por escolas indígenas.

Nesse processo pedagógico Vanda cita também a resistência “em não negar a ciência dos saberes indígenas, pois ela também é ciência, embora construída com um método diferente do acadêmico, é um método”. Um exemplo citado pela mesma foi de que seu pai sempre dizia, mesmo sem conhecer o que seria sustentabilidade, que não plantaria em determinado terreno naquele espaço de tempo, pois era momento de a Terra “descansar”. Para a mesma, “Mesmo sem conhecimento científico formal ele entendia no sentir e no viver a sua relação com a terra, que era necessário deixá-la se recompor quimicamente para após 5 anos haver produção agrícola naquele terreno”.

Sendo questionada sobre o ensino técnico para as comunidades indígenas, a Vanda Cariri, cita que só está de acordo se os direcionamentos estiverem dentro da perspectiva de fortalecimento de suas identidades. Para que haja qualidade no ensino técnico ou regular nessas localidades faz-se necessário que estes atendam às necessidades da comunidade indígena. Para ela, esses cursos têm que estar de acordo com a realidade. “As instituições precisam sair de dentro de suas quatro paredes e ir até às comunidades também. E sempre que se for construir

⁴ Cultura de Educação Indígena. [S.I]: Instituto Federal do Ceará, 2021. 1 vídeo (4:15:09 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bxW4cKMbtmg&t=1064s>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

algo, nunca esquecer de ver as narrativas dos povos originários, sejam eles afro, indígena ou quilombola. Nós é que sabemos falar de nós. Percebemos nesse relato que há uma luta por direito a voz, como uma das principais representantes da comunidade, a autora usa o lugar social conquistado, para dizer de onde veio e pelo que luta.

Por fim é importante dizer que, para além da presença de Vanda Cariri em eventos científicos, a comunidade busca a construção de vídeos educativos e informais como é o caso de: “Fôlego vivo ⁵” que fala sobre a água e sobre a Terra e “Saberes e sabores: os indígenas Cariri (re) existem ⁶” que fala sobre as narrativas dos troncos velhos na comunidade e de outros parentes.

Entendemos pelos depoimentos de Vanda Cariri e de Dona R., que embora seja recente a busca pelo reconhecimento da identidade Kariri para os habitantes da comunidade Poço Dantas, tal fato já desperta a curiosidade de pesquisadores e de uma forma geral da região do Cariri que em meio ao seu processo colonizador, perdeu a identidade com os seus povos originários.

4 Considerações Finais

A história dos povos Cariri por muito tempo permaneceu apenas na memória daqueles que se diziam descendentes deste grupo.

Hoje, estes buscam reafirmar sua identidade tanto pelo espaço de sobrevivência material como pela sobrevivência de suas memórias. Ainda que sofrendo pelas adversidades o povo Cariri resiste e existe. Assim, a comunidade do Poço Dantas, contrariando as narrativas que negavam a existência de indígenas nas regiões do Cariri, resistem e buscam por reconhecimento, direitos de identidade e território, bem como apresentar-se como seres de muitos e diferentes saberes.

Concluimos, assim, que a comunidade busca autoafirmar-se de diversas formas: pelas histórias transmitidas oralmente, danças, costumes alimentares e/ou uso das ervas medicinais, bem como o artesanato de barro e cipó. Tal ação, também ocorre pela participação de membros da comunidade em eventos como seminários, palestras, eventos culturais, apresentando seus costumes e modo de vida, fortalecendo sua identidade e firmando resistência frente às

⁵ Documentário produzido pela Associação dos índios Cariris do Poço Dantas – Umari. Canal do Youtube – CARIRI DE UMARI. Acesso: 14 de maio de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H26Sdw_o0ak&t=1275s.

⁶ Documentário produzido pela Associação dos índios Cariris do Poço Dantas – Umari. Canal do Youtube – CARIRI DE UMARI. Acesso: 14 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tt2v34XxIgc>.



incontáveis formas de negação daquele coletivo. Percebemos, ainda, que a educação é uma prática primordial para que todos estejam cientes dos seus direitos como descendentes e preservem seus valores, ela se processa em todas as falas daqueles que as representam.

Quanto ao reconhecimento, não podemos afirmar se virá, e não era interesse dessa pesquisa se debruçar sobre isso. Os objetivos, com outras palavras, eram basicamente saber como este coletivo fez e faz para se afirmarem como Descendentes dos Kariris e quais saberes e fazeres adotam para resistir.

As práticas culturais, educativas e memória com as quais a pesquisa conseguiu dialogar, revelam que estes sujeitos se fazem e refazem-se para que de um modo ou outro a sociedade perceba a presença deles e valorizem seus saberes e existência, pois o ser índio vai muito além das características físicas ou dizeres, como afirma Vanda Cariri (2021), “Ser índio vem de dentro, ser índio vem de sentir ser índio”.

5 Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos**, Outras Pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 490 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos).

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal** e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, José Patrício Pereira. **Índios Cariri**, identidade e direitos no século XXI. 2017. Tese (doutorado) – Curso de Direito Econômico e Socioambiental, Escola de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

SUTIL, Nair. **Museu afetivo e ensino de História**: Práticas de Memória na Educação. 2016. Dissertação(mestrado profissional) – Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2016. Escolar. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/177343/346859.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.